

ECONOMIA SOLIDÁRIA: UMA FORMA CONTRA-HEGEMÔNICA DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NO CAMPO DA SAÚDE MENTAL

SOLIDARY ECONOMY: A COUNTER-HEGEMONIC WAY OF ORGANIZING WORK IN THE FIELD OF MENTAL HEALTH

ECONOMÍA SOCIAL Y SOLIDARIA: UNA FORMA CONTRAHEGEMÓNICA DE ORGANIZACIÓN DEL TRABAJO EN EL CAMPO DE LA SALUD MENTAL

Lisabelle Manente MAZARO¹

Isabela Aparecida de Oliveira LUSSI²

Resumo: O estudo teve como objetivos: compreender os impactos da vivência no trabalho na trajetória de vida de pessoas em sofrimento psíquico que participam de empreendimento econômico solidário; identificar possibilidades de enfrentamento do contexto capitalista a partir de uma proposta solidária; e refletir sobre a inclusão no trabalho à luz do referencial teórico da Ecologia de Saberes. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, que faz uso da história oral de vida, apresentando a narrativa de um membro do Recriart (empreendimento econômico solidário do campo da saúde mental), analisada sob a ótica das sociologias das ausências e das emergências e da ecologia de saberes, referencial teórico-filosófico desenvolvido por Boaventura de Sousa Santos. Os resultados apontam para o elevado potencial transformador, emancipatório e de emergência do trabalho fundamentado na economia solidária. O Recriart tem um papel fundamental na vida do narrador, posto que, para além de um

1 Coordenadora Pedagógica do Centro Universitário Ingá (UNINGÁ). Maringá, Paraná, Brasil. E-mail: mazarolisabelle@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1972-9331>

2 Docente da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e do Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional. São Carlos, São Paulo, Brasil. E-mail: bellussi@ufscar.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3632-5539>

espaço de trabalho, significa valorização, pertencimento, exercício da cidadania, ampliação da autonomia, (re)estruturação da rotina e desenvolvimento da afetividade. Concluímos demarcando o grande potencial de emergência do trabalho fundamentado na economia solidária, que permite às pessoas em sofrimento psíquico a vivência de alternativas que cabem no horizonte das possibilidades concretas e de enfrentamento ao capitalismo.

Palavras-chave: economia solidária; saúde mental; trabalho; emancipação social.

INTRODUÇÃO

A economia solidária, por seu caráter autogestionário, respeita os princípios da solidariedade e valorização humana, colocando o ser humano como sujeito e finalidade das atividades econômicas e, portanto, fomenta espaços de trabalho associado, promovendo aos trabalhadores uma tomada de consciência processual e contínua, levando em conta o contexto e, por consequência, estimula diariamente a emancipação de seus membros (INTECOOP, [s.d.]; MOURA et. al., 2015).

Por esta ótica, o trabalho quando autogestionário, coletivo, solidário e de responsabilidades compartilhadas se torna produtor de subjetividade. Além disso, a economia solidária e a geração de trabalho e renda cumprem um significativo papel social na afirmação da cidadania dos usuários da saúde mental (AMARANTE; BELLONI, 2014). A afinidade entre os movimentos da Reforma Psiquiátrica e da Economia Solidária, por compartilharem “princípios fundamentais quando fazem a opção ética, política e ideológica por uma sociedade marcada pela solidariedade”, nos leva a compreender tal fenômeno (BRASIL, 2005, p. 1).

As iniciativas da economia solidária “congregam a luta pela renda com a luta pelos direitos sociais” (MARTINS, 2009, p. 31). Isso significa dizer que tais

experiências operam a partir de uma lógica ampliada, não ficando apenas restritas a produção imediata de renda subordinada à lógica do capital. Desta forma, as práticas econômicas solidárias “são orientadas pelo compromisso com a sociedade e com a emancipação dos trabalhadores” (MARTINS, 2009, p. 31-32).

Tais características destacam o caráter contra-hegemônico da economia solidária, tornando-a uma possibilidade concreta de inclusão social pelo trabalho às pessoas em sofrimento psíquico. Tal proposta opõe-se fortemente à “subjetividade massificada pelos ditames hegemônicos do capitalismo global” (VERONESE, 2009, p. 154) que, englobam também outras dimensões individuais e coletivas que extrapolam os aspectos econômicos. O trabalho, na perspectiva capitalista é reconhecido pela competitividade, busca desenfreada pelo lucro, além da distinção da sociedade em classes, desigualdades, hierarquização, acúmulo do capital e geração de riquezas (INTECOOP, [s.d.]; MOURA et. al., 2015).

Vivemos em um período da história dominado pela ideia de que não existe alternativa ao capitalismo neoliberal (SANTOS; RODRÍGUEZ, 2005), no entanto, o que existe é um novo imaginário anticapitalista “que não contrapõe apenas ao capitalismo, mas também à proposta de nacionalização da economia como realmente alternativa ao capitalismo” (QUIJANO, 2005, p. 481). Porém, a formulação de alternativas econômicas que sejam ao mesmo tempo, viáveis e emancipatórias, concebem propostas de uma globalização contra-hegemônica.

A luta pelo extermínio ou redução drástica da exploração fez com que práticas e teorias críticas ao capitalismo mantivessem a promessa moderna de emancipação social. Tratam-se de alternativas cuja viabilidade depende fortemente da sua capacidade de sobrevivência ao domínio do capitalismo (SANTOS; RODRÍGUEZ, 2005).

Estudos apontam que o trabalho, na perspectiva da economia solidária, tem se mostrado um importante dispositivo de afirmação de cidadania, inclusão e emancipação social das pessoas em sofrimento psíquico (ALVES, 2016; AMARANTE; BELLONI, 2014; BALLAN; ARANHA, 2016; BASSO; LEMES; SILVEIRA, 2010; LUSSI; MORATO, 2012; LUSSI, 2009; MAZARO, 2017; MILIONI, 2009; MORATO, 2014). Especificamente no cenário brasileiro, é possível observar que a (re)inserção de pessoas em sofrimento psíquico no trabalho tem se dado de forma expressiva por meio da economia solidária (LUSSI; PEREIRA, 2011).

Assim, este estudo nasceu do desejo de melhor compreender o fenômeno da inclusão social pelo trabalho no âmbito da saúde mental na perspectiva da economia solidária, além da necessidade de produção de conhecimento que envolva as próprias pessoas em sofrimento psíquico. Para tanto, entendemos que a história oral de vida, como processo de produção de dados, estava em plena harmonia com tal proposta, a partir do momento em que confere ao sujeito o protagonismo de sua história, além da participação em todo o processo de construção da narrativa de modo horizontalizado, compartilhado e corresponsabilizado – condizente com os pressupostos da economia solidária, da reabilitação psicossocial e da ecologia de saberes, e permitiu às pesquisadoras o registro de tais experiências vividas. Interessava-nos apreender tal narrativa e compreendê-la à luz do referencial teórico elaborado por Boaventura de Sousa Santos, especialmente no que diz respeito à sociologia das ausências, sociologia das emergências e ecologia de saberes.

Desta forma, este estudo teve como objetivos:

1. Compreender os impactos da vivência no trabalho na trajetória de vida de pessoas com sofrimento psíquico que participam de empreendimento econômico solidário;

2. Identificar possibilidades de enfrentamento do contexto capitalista a partir de uma proposta solidária; e

3. Refletir sobre a inclusão no trabalho à luz do referencial teórico da ecologia de saberes.

1. MARCO TEÓRICO

O estudo teve suas reflexões ancoradas no referencial teórico-filosófico desenvolvido pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, especialmente sob a ótica da sociologia das ausências, da sociologia das emergências e da ecologia de saberes, sobre as quais apresentamos uma breve contextualização.

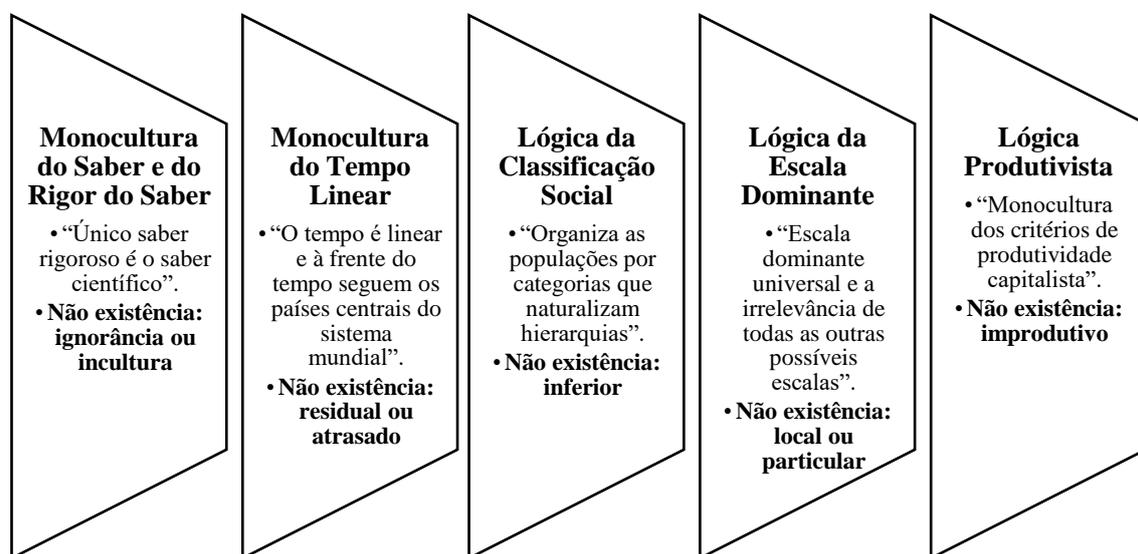
Para Santos (2010a), o pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal e se destaca pela capacidade de produzir e radicalizar distinções. O conceito de linha abissal refere-se, então, à divisão do mundo em linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos díspares: os visíveis (deste lado da linha, caracterizado por um mundo humano, de zonas civilizadas onde se encontra os que são úteis e inteligíveis; o Norte global) e os invisíveis (do outro lado da linha, marcado por um mundo sub-humano, de zonas selvagens, no qual se encontram os inúteis e perigosos; o Sul global).

A discrepância é tamanha que o outro lado da linha torna-se inexistente e, a inexistência, neste contexto, é entendida como “não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível” (SANTOS, 2010a, p. 32). Tudo o que é inexistente é excluído radicalmente porque se encontra fora do campo da realidade relevante e, portanto, marcada por experiências desperdiçadas, tornadas invisíveis. Assim, quaisquer realidades que se encontrem do “outro lado da linha” são eliminadas definitivamente.

Nesse contexto, são inúmeros os grupos de pessoas à mercê da negação da humanidade. Entre eles, Santos (2010a) destaca alguns, tais como os que sofrem com discriminações sexuais e raciais, presidiários, aqueles submetidos às novas formas de escravidão, trabalho infantil e exploração da prostituição, entre outros. Nunes e Siqueira-Silva (2016), fundamentados nos escritos de Boaventura de Sousa Santos, acrescentam à essa lista as pessoas em sofrimento psíquico, pessoas estigmatizadas pela alienação, insanidade, anormalidade e desajustamento à ordem social. Os *loucos* e *loucas* são exemplos de formas de negação da humanidade, da violência, de constrangimentos e da exclusão.

Para Santos (2007, 2010b) existem cinco lógicas de produção da não-existência em nossa racionalidade ocidental, conforme se observa na figura abaixo:

Figura 1: Cinco lógicas de produção da não-existência.



Fonte: Santos (2007, 2010b).

Assim, as cinco principais formas sociais de não-existência produzidas ou legitimadas são: o ignorante, o residual, o inferior, o local e o improdutivo. Trata-

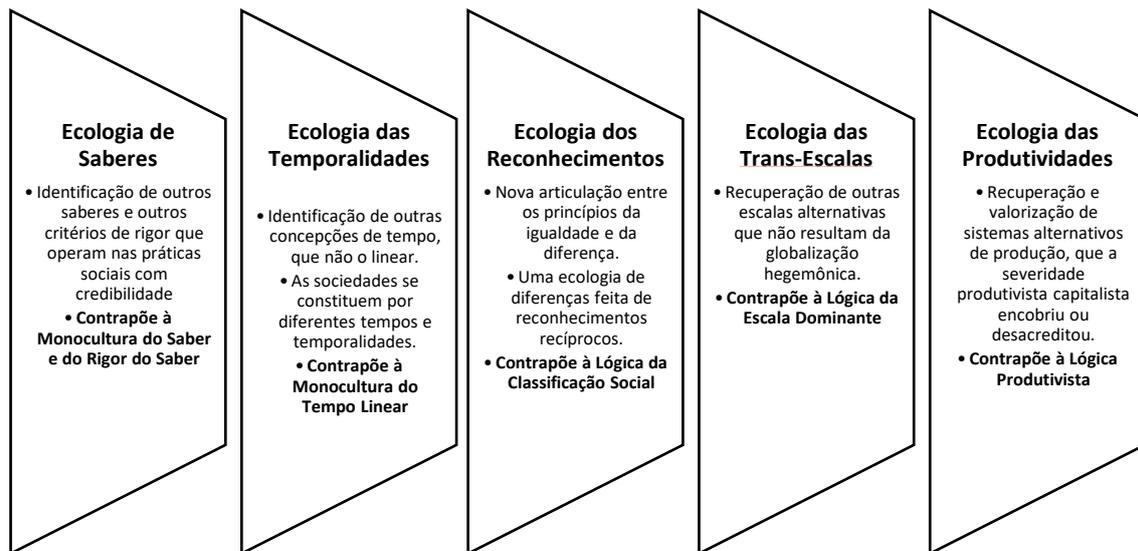
se, então, de formas sociais de não-existência porque as realidades vivenciadas são apenas obstáculos às realidades ditas importantes, sejam elas científicas, avançadas, superiores, globais ou produtivas. São partes desqualificadas de totalidades homogêneas que, como tal, confirmam o que existe e como existe. O que significa dizer que são formas irreversivelmente desqualificadas de existir (SANTOS, 2010b).

A sociologia das ausências tem como finalidade fazer com que as experiências produzidas como ausentes sejam desprendidas dessas relações de produção e, assim, se tornem presentes. “Tornar-se presentes significa serem consideradas alternativas às experiências hegemônicas, a sua credibilidade poder ser discutida e argumentada e as suas relações com as experiências hegemônicas poderem ser objeto de disputa política” (SANTOS, 2010b, p. 104-105).

A sociologia das ausências não pretende extinguir as cinco categorias (ignorante, residual, inferior, local ou improdutivo); sua intenção é que elas deixem de ser atribuídas em função de um único critério que não permite questionamentos por outro critério alternativo. Tal monopólio é resultado de uma imposição de quem tem poder para fazê-lo, e não fruto de uma ponderação sensata (SANTOS, 2010b).

Se o objetivo é inverter essa situação, é necessário que se transforme o que está ausente em presente e que as experiências consideradas invisíveis e sem credibilidade estejam disponíveis. A sociologia das ausências substitui as monoculturas pelas ecologias, com as quais é possível inverter essa situação e criar possibilidades para que tais experiências se tornem presentes (SANTOS, 2007). Ecologia aqui entendida como a “prática de agregação da diversidade pela promoção de interações sustentáveis entre entidades parciais e heterogêneas” (SANTOS, 2010b, p. 105). Para tanto, o autor reconhece cinco ecologias, conforme figura abaixo:

Figura 2: Cinco ecologias que se contrapõem às cinco lógicas de produção da não-existência.



Fonte: Santos (2010b).

A ecologia de saberes pode ser definida como “um conjunto de epistemologias que partem da possibilidade da diversidade e da globalização contra-hegemônicas e pretendem contribuir para as credibilizar e fortalecer” (SANTOS, 2010c, p. 154). Trata-se de uma ecologia de práticas de saberes, não ficando restrita aos saberes científicos.

Por um lado, explora práticas científicas alternativas que têm ganhado visibilidade por meio de epistemologias pluralistas e, por outro lado, promove a interdependência entre saberes científicos produzidos pela modernidade ocidental e outros saberes não-científicos (SANTOS, 2010b). “A ecologia de saberes procura dar consistência epistemológica ao pensamento pluralista e propositivo” (SANTOS, 2010a, p. 56).

Assim, a ecologia de saberes propõe a criação de uma nova forma de relacionamento entre conhecimento científico e outras formas de conhecimento, concedendo igualdade de oportunidades às diferentes formas de saber envolvidas nas disputas epistemológicas aspirando a otimização de suas respectivas contribuições para a construção de um outro mundo possível, isto é, de uma sociedade mais democrática, mais justa e mais equilibrada com a natureza (SANTOS, 2010b).

O objetivo da sociologia das ausências, em cada um destes cinco domínios, é apresentar a pluralidade de práticas sociais e dar crédito a essa diversidade em contraposição à credibilidade exclusivista das práticas hegemônicas. O que há de comum em todas as ecologias propostas por Santos é o pensamento de que a realidade não deve ser reduzida ao que existe, propondo uma visão mais ampliada de realismo, que inclui realidades ausentes que foram silenciadas, suprimidas e marginalizadas. Tratam-se de realidades que são ativamente produzidas como não existentes (SANTOS, 2010b).

A grande questão é que as sociologias das ausências e das emergências produzem uma vasta quantidade de realidades que não estavam visíveis e que trazem à tona o confronto com uma realidade muito mais rica, ainda mais fragmentada e mais caótica. Porém, um outro mundo é possível, um mundo repleto de alternativas e possibilidades (SANTOS, 2007). A sociologia das emergências é a investigação das alternativas que cabem no horizonte das possibilidades concretas, somando ao real as possibilidades e expectativas futuras que ele comporta.

As duas sociologias, das ausências e das emergências, estão intimamente relacionadas, posto que quanto mais experiências estiverem disponíveis hoje no mundo, maiores serão as possibilidades no futuro.

2. METODOLOGIA

O conteúdo deste trabalho é parte da tese de doutorado da primeira autora, sob orientação da segunda autora (MAZARO, 2021). Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa (MINAYO, 2014), que faz uso da história oral de vida (MEIHY, 2002).

A natureza qualitativa “trabalha com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões” (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 247), o que permite explorar mais profundamente a complexidade dos fenômenos, situações e condições singulares e específicas de grupos minoritários, porém, passíveis de serem contemplados de forma abrangente. A abordagem qualitativa possibilita maior apreensão e aprofundamento dos fenômenos sociais estudados (MINAYO, 2014) e, portanto, torna-se a mais adequada para pesquisas de temáticas como a deste estudo.

A história oral é utilizada prioritariamente para dar visibilidade aos depoimentos de grupos sociais minoritários, excluídos, oprimidos e marginalizados e propõe, em suas narrativas, uma “outra história” ou “contra-história”, ou ainda uma “história vista de baixo” (MEIHY, 2002, p. 98). A opção pela história oral se dá por sua ligação com o direito de participação social e, conseqüentemente, com o direito de cidadania. “A história oral respeita as diferenças e facilita a compreensão das identidades e dos processos de suas construções narrativas” (MEIHY, 2002, p. 21).

O campo do estudo foi composto pelo Recriart – Reciclando e Fazendo Arte, um empreendimento econômico solidário constituído por pessoas em sofrimento psíquico, usuários da Rede de Saúde Mental, localizado no município

de São Carlos/SP e será apresentada a narrativa de história de vida de um de seus membros trabalhadores.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), tendo sido aprovado sob o parecer número 3.259.508, seguindo as especificações da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil.

A análise da narrativa se dará sob a ótica das sociologias das ausências e das emergências e da ecologia de saberes.

3. RESULTADOS

Apresentamos partes da narrativa de um trabalhador do Recriart, focando especificamente nos objetivos deste estudo. A narrativa na íntegra encontra-se disponível na tese de Mazaro (2021). Vale ressaltar que o narrador teve assegurado o direito ao sigilo, previsto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, portanto, os nomes são fictícios, tratando-se de nomes de flores. O narrador será chamado de Gerânio e a profissional que acompanha o grupo, citada na narrativa, será chamada de Margarida.

Das minhas experiências, escolho o Recriart

Me chamo Gerânio, tenho 41 anos, sou solteiro, não tenho filhos, a minha escolaridade é ensino médio completo e também fiz curso técnico em eletrônica. Atualmente moro com minha mãe e um irmão.

Tive algumas experiências de trabalho anteriores ao Recriart como, por exemplo, em uma oficina de um amigo do meu pai, na qual eu trabalhava como ajudante no manuseio de motosserra. Depois eu trabalhei com meu pai de calafetar massa, tentei trabalhar em um mercado de outro amigo do meu pai, mas não deu certo. Aí eu fui fazer estágio de eletrônica, mas o rapaz me mandou embora alegando que eu repetia muito as coisas e, mais uma vez, não deu certo. Tentei trabalhar em uma fabriquinha de aparelho dentário, que também não deu certo. Trabalhei entregando panfletos na época da campanha política, mas por pouco tempo. Aí meu pai abriu uma vidraçaria e eu trabalhei com ele, de ajudante, por um ano, até que ele faleceu. Foi então, depois disso, que comecei a frequentar o CAPS diariamente até entrar no Recriart.

Eu comecei a frequentar o CAPS em outubro de 2002, a partir de um encaminhamento do posto de saúde onde eu já era atendido e acompanhado. Até o ano de 2004 as minhas idas ao CAPS eram apenas para consulta médica, porém nesse ano meu pai faleceu e eu comecei a frequentar o CAPS diariamente. Foi assim até agosto de 2006, quando surgiu o Recriart, que eu comecei frequentar desde o início. Eu peguei amizade com a Margarida, fui me enturmado com o pessoal e fui ficando, tanto que estou lá até hoje. Do CAPS eu tive alta há 2 anos.

No começo eu confesso que não queria ir para o Recriart, porque eu era muito preguiçoso, mas me convenceram que seria bom pra mim. Fui para experimentar e comecei a participar.

Nessa época, eu ajudava a fazer o papel, riscava e ajudava a fazer as coisas, além de participar das feiras e fui gostando, fui participando, fui ajudando e fui ficando. Logo no início tinha as enfermeiras que iam com a gente no Recriart, mas eu não gostava muito delas. Tinha as estagiárias também, que nos ajudavam e nos orientavam, mas eu sempre fiquei mais na minha e gosto mais da Margarida, porque ela vai orientando a gente.

Entrar no Recriart fez muito bem pra mim, para eu me sentir valorizado. Eu não me valorizava como pessoa, porque eu lembro que eu tentei trabalhar em alguns locais e fui mandado embora por causa de repetir as coisas. Com isso fui amadurecendo e estou me valorizando como pessoa e o Recriart está me ajudando nisso, além de desenvolver a mente.

No início, eu também participava das vendas na feira da Praça XV e, mesmo me atrapalhando um pouco com o troco, eu ajudava na comercialização, auxiliava também a carregar as coisas, montar e desmontar a barraca. Em relação à minha dificuldade com o troco, fiz por um tempo a etnomatemática, aprendi bastante e tirei muitas dúvidas porque eu não lembro muita coisa. O bom é que a Margarida está sempre por perto e nos ajuda quando precisa.

Quando o Recriart montou um xerox lá dentro da UFSCar, eu também participava, mas sempre com alguém junto, porque eu tinha dificuldade de aprender as coisas, tinha medo de fazer coisa errada, além de esquecer as coisas com facilidade. Então, sempre que tinha alguma estagiária ou a própria Margarida por perto eu ficava de plantão no xerox nessa época.

Durante esse tempo, o Recriart também me deu novas oportunidades. Eu fiz um curso de informática e aprendi a mexer um pouco no computador. Fiz cursos de economia solidária que estão me ajudando a fazer bastante coisa. Também conheci pessoas novas, de outras áreas, inclusive pessoas envolvidas com a política do município. Eu namorei uma pessoa lá do Recriart, mas que acabou não dando certo porque a gente pensa de maneiras diferentes.

Sobre o relacionamento com as pessoas no local de trabalho, eu percebo que as relações são bem diferentes quando se trata da economia capitalista e da economia solidária. Na economia capitalista tinha sempre um que queria ser melhor que o outro, que falava que eu era lento e trabalhava devagar. Quando eu fiz o teste na fabriquinha, o próprio dono ficava em cima de mim, e, por me

sentir pressionado, acabei errando. Por fim, ele me dispensou alegando que eu não estava me ambientando. Mas também, em um determinado dia de trabalho, jogaram água em mim enquanto eu usava o banheiro, aí eu briguei e por isso eu não estava me ambientando. Depois, quando tentei fazer estágio de eletrônica, o rapaz me mandou embora porque ele havia mandado eu ir ao banco e sair com uma quantia grande de dinheiro e eu fiquei com medo. Ele me dispensou dizendo que eu ficava muito avoado, distraído e que não estava nem aí com nada. No começo eu sofri, mas depois passou.

No mercado formal eu fui várias vezes mandado embora. Eu não consegui permanecer em nenhum trabalho por causa do meu problema. Tem também algumas questões como ter que cumprir horário, seguir muitas regras e dar satisfação para o patrão, ou dono da fábrica. Já na economia solidária não tem patrão. Trabalhar na economia solidária é bem diferente. A Margarida apoia o projeto, mas quem decide tudo é a gente. O que o grupo resolve, está resolvido. Se a gente resolver que não vai aceitar uma encomenda, a gente não aceita. Agora, se todos acharem que é melhor aceitar, a gente aceita. Lá ninguém força o outro a fazer nada, há respeito mútuo, um ajuda o outro, eu posso falar o que eu penso e a gente está sempre aprendendo. A gente vai se quiser e, se quiser sair, é só dar satisfação pro grupo e sair.

Eu não tenho vontade de voltar a trabalhar no mercado capitalista, porque já estou com 41 anos, já passei da idade e perdi meu braço. Acho que eu não teria serventia pro trabalho formal. Outra coisa, eu ficaria muito agitado se recebesse muita ordem de patrão e acabaria arrumando confusão, discutindo e não quero isso.

Atualmente eu fico mais no xerox. Não tiro cópia, mas fico lá tomando conta. Eu ainda não lembro como mexer na máquina, preciso reaprender. Então, quando chega cliente, eu chamo algum colega para tirar cópia. Eu não fico dando palpite, o que pede pra eu fazer, eu faço. A orientação que me foi dada é de

quando chegar cliente, ir chamar alguém. É isso que eu faço. Lá ninguém manda e ninguém é patrão. Todo mundo ajuda. Um está sempre ajudando o outro. A Margarida pergunta se eu quero ficar no xerox. Eu sempre respondo que, se ela quiser, eu fico lá e fico olhando a loja. Quando não tem nada pra fazer, eu fico olhando alguma coisa no computador.

Às vezes ajudo também na produção, levando os materiais de uma seção para outra, para passar cola ou encadernar. Cada um tem uma função. Eu gosto do Recriart, porque é melhor do que ficar dentro de casa, parado, que era o que acontecia antes de eu começar a trabalhar lá.

Algumas coisas mudaram na minha vida depois que eu comecei a trabalhar no Recriart. Eu fui conhecendo mais gente, fui pegando amizade com a turma da economia solidária e com gente da cidade. Eu ia no supermercado lá perto do Recriart tomar um cafezinho e ver preço de miniaturas. Peguei amizade com a turma do mercadão também. Agora eu tenho mais contato com parentes, vizinhos e amigos do que antes. Eu também adicionei várias pessoas no meu *facebook*, porque fui fazendo amizade. Uma vez eu comprei até uma agenda produzida pelo Recriart e dei pra minha vizinha, em retribuição à ajuda que ela sempre nos dá e ela adorou. Outra coisa que mudou também é que eu saio mais de casa. Eu gosto de ir passear, de ir nos lugares e visitar amigos.

Eu fico pensando que se o Recriart não existisse eu ficaria apenas em casa, na cama, dormindo ou parado, vagabundeando. Eu seria bem diferente do que sou hoje. Eu ficaria enchendo o saco da minha mãe, ficaria brigando com meus irmãos, perturbando os vizinhos, até tomando bordoadas e esporro dos outros.

Quando eu fico em casa, eu fico no quarto, escutando música, assistindo televisão ou mexendo nas miniaturas. Às vezes, quando minha mãe sai e eu fico sozinho, eu vou lá no mercado tomar um cafezinho, conversar com o pessoal.

Porém, quando percebo que eles estão trabalhando eu não fico enchendo o saco.

Para mim o Recriart significa melhora. Significa trabalho. Significa evolução. Porque sem ele eu estaria parado. Estaria jogado às traças. Atualmente eu estou tocando a minha vida. Estou trabalhando.

O que me motiva a continuar no Recriart é a Margarida, que falou para eu continuar porque faz bem pra mim. Lá eu vou desenvolvendo a cabeça, porque cabeça vazia é oficina do diabo. Eu tenho amizade com todo mundo lá.

4. DISCUSSÃO

Ao longo do desenvolvimento e construção deste trabalho emergiram alguns elementos fundamentais que serão analisados e discutidos, ainda que não em sua totalidade, uma vez que não se pretende esgotar todas as possibilidades de análises e reflexões acerca do tema, que é amplo e complexo.

Historicamente, o que se observa é a ausência de protagonismo nas histórias de vida das pessoas em sofrimento psíquico, já que se tratam de sujeitos destituídos de todo e qualquer valor ao receber o atributo de doente mental (SANTOS et al., 2000). Pessoas em sofrimento psíquico integram as populações descartáveis e oprimidas do Sul global. Populações essas que sofrem exclusão, opressão e discriminação e, portanto, são produzidas como não-existentes pelo sistema hegemônico (SANTOS, 2007, 2010b).

Ao contrário do que apregoa o neoliberalismo, vivenciamos uma urgência de fomento de formas alternativas ao capitalismo, tanto no que se refere à produção quanto a distribuição de bens e serviços. As consequências das experiências capitalistas nunca foram tão excludentes nem deixaram os

excluídos em condição de tamanha vulnerabilidade. Trata-se das populações descartáveis do Sul global e esta produção não capitalista é uma das principais formas de resistência à globalização neoliberal (SANTOS, 2005).

Assim, este estudo se propôs a refletir sobre a experiência de transposição da linha abissal que produz e radicaliza distinções, trazendo para visibilidade os saberes, fazendo com que as experiências e os conhecimentos do narrador se tornem presentes e mostrando que o Norte também deve aprender com o Sul. O interesse por metodologias que contribuam para ampliar o conhecimento sobre e com pessoas em sofrimento psíquico encontra na reflexão epistemológica da sociologia das ausências uma possibilidade – atraente e desafiadora – que nos remete a pensar a partir da perspectiva de pessoas que carregam não existências e experiências de vida do outro lado da linha (BERNARDES; VENTURA, 2017).

Desta forma, o intuito aqui é transformar o que estava ausente em presente, invisível em visível, sem credibilidade em algo disponível. Isso porque a sociologia das ausências “procura identificar os silêncios, as supressões, invisibilizações e desqualificações que negam a existência de outros saberes ou os convertem em formas de ignorância, oposta ao conhecimento alegadamente verdadeiro e rigoroso da ciência” (NUNES; LOUVISON, 2020, p.4). Quando esse diálogo entre o Norte e o Sul acontece, vivencia-se uma experiência de trocas extremamente enriquecedora para ambos.

A economia solidária, em suas várias esferas – política, econômica, social, cultural, de inclusão social pelo trabalho – apresenta-se como um campo com grande potencial emancipatório para os sujeitos que nela se incluem. Ela oportuniza a criação de subjetividade e singularidade de seus trabalhadores, que descobrem novas maneiras coletivas de viver pautadas em valores como a cooperação e a solidariedade. Além de ser um instrumento que convoca ao resgate da subjetividade, a economia solidária assegura o acesso e a garantia

aos direitos, a ampliação das possibilidades de vida, a criação de redes sociais de suporte, incluindo a rede familiar e a emancipação (MANÇE, 2008). Tanto é verdade que, entre os princípios gerais da política de economia solidária está incluído o seu caráter emancipatório.

As alternativas econômicas contra-hegemônicas produzem dois grandes efeitos emancipatórios: na dimensão individual, acarretam mudanças essenciais nas condições de vida das pessoas envolvidas; na dimensão social, a propagação de experiências de sucesso implica na ampliação dos campos sociais em que operam valores e formas não capitalistas (SANTOS; RODRÍGUEZ, 2005).

Pensando na dimensão individual, a narrativa de Gerânio evidencia tais processos, como é possível verificar nos trechos a seguir:

Entrar no Recriart fez muito bem pra mim, para eu me sentir valorizado. Eu não me valorizava como pessoa, porque eu lembro que eu tentei trabalhar em alguns locais e fui mandado embora por causa de repetir as coisas. Com isso fui amadurecendo e estou me valorizando como pessoa e o Recriart está me ajudando nisso, além de desenvolver a mente [...] . Algumas coisas mudaram na minha vida depois que eu comecei a trabalhar no Recriart. Eu fui conhecendo mais gente, fui pegando amizade com a turma da economia solidária e com gente da cidade. [...] Agora eu tenho mais contato com parentes, vizinhos e amigos do que antes. Eu também adicionei várias pessoas no meu facebook, porque fui fazendo amizade. [...] Outra coisa que mudou também é que eu saio mais de casa. Eu gosto de ir passear, de ir nos lugares e visitar amigos. (GERÂNIO, 2021).

Por seu caráter coletivo e sua organização a partir de fatores humanos, a economia solidária mobiliza sentimentos de empatia, solidariedade, lealdade,

amizade e confiança, o que favorece e valoriza os laços afetivos por meio da reciprocidade e amplia as relações e as trocas sociais (LECHAT, 2002). Assim, a opção pela economia solidária enquanto ideologia norteadora para a inclusão social pelo trabalho não é por acaso.

É possível identificar, em toda a narrativa de Gerânio, os diferentes impactos ocorridos em sua trajetória de vida a partir de seu ingresso no Recriart. Ele destaca as diferentes oportunidades que foram se concretizando em seu diaadia, especialmente no sentido de aprender coisas novas, de conhecer diferentes pessoas (aumentando seu círculo social) e a experiência de um namoro com alguém que conheceu no Recriart, conforme se lê no trecho abaixo:

Fiz por um tempo a etnomatemática, aprendi bastante e tirei muitas dúvidas. [...] Durante esse tempo, o Recriart também me deu novas oportunidades. Eu fiz um curso de informática e aprendi a mexer um pouco no computador. Fiz cursos de economia solidária que estão me ajudando a fazer bastante coisa. Também conheci pessoas novas, de outras áreas, inclusive pessoas envolvidas com a política do município. Eu namorei uma pessoa lá do Recriart, mas que acabou não dando certo porque a gente pensa de maneiras diferentes. (GERÂNIO, 2021)

No sentido do aprendizado, Singer (2008, p. 290) afirma que “o trabalho é uma forma de aprender, de crescer, de amadurecer, e essas oportunidades a economia solidária oferece a todos, sem distinção.” Por essas oportunidades, a economia solidária vem se destacando porque vai muito além de “aliviar a situação generalizada de desemprego associada aos efeitos da globalização neoliberal no Brasil” (SANTOS; RODRÍGUEZ, 2005, p. 59). São movimentos assim que mantém viva a luta por uma globalização contra-hegemônica e não podem, sob quaisquer hipóteses, correr o risco de serem invisibilizados. São os

valores opostos ao capitalismo que mantêm a promessa de emancipação social (SANTOS; RODRÍGUEZ, 2005) e, portanto, a economia solidária torna-se um campo potencial de emergência de formas de organização social contra-hegemônica (PEREIRA, 2009). A formulação de alternativas econômicas que sejam ao mesmo tempo, viáveis e emancipatórias, concebem propostas de uma globalização contra-hegemônica.

Já em relação à criação de vínculos afetivos, Tykanori (2010) afirma que viver com autonomia depende do estabelecimento de relações e esse conviver e poder fazer parte deve estar pautado no estabelecimento de trocas e negociações que permitam ao sujeito posicionar-se diante das situações e fazer escolhas. O trabalho na perspectiva da economia solidária possibilita ganhos nas habilidades e capacidades para as relações sociais, acarretando em melhora nos relacionamentos interpessoais, com maior habilidade na comunicação (TAGLIAFERRO, 2011).

Estes e outros ganhos são chamados por Santos e Rodríguez (2005) de benefícios não econômicos, que são fundamentais para contrariar os efeitos desiguais da economia capitalista. Trata-se de ganhos advindos das relações sociais e familiares, da conquista da autoestima, do protagonismo, da independência e da autonomia, que tanto contribuem para as transformações que o trabalho cooperado e autogestionário opera na vida de cada trabalhador.

Considerando esses ganhos sob a perspectiva do pensamento crítico de Boaventura de Sousa Santos, reiteramos a defesa em torno de um compromisso ético com a emancipação, uma vez que alternativas econômicas fundamentadas em princípios não capitalistas promovem, entre outras coisas, a emancipação social de pessoas em sofrimento psíquico. Na luta por uma sociedade sem exploração, ou pela diminuição radical desta, as teorias críticas ao capitalismo mantêm presente a promessa de emancipação social (SANTOS; RODRÍGUEZ,

2005). Nesse sentido, para Rodríguez (2005), os atores sociais que sofrem exploração encontram caminhos de emancipação.

A narrativa de Gerânio demarca, ainda, o quanto a proposta solidária se torna uma possibilidade de enfrentamento do contexto capitalista e o trecho a seguir evidencia tal reflexão.

No mercado formal eu fui várias vezes mandado embora. Eu não consegui permanecer em nenhum trabalho por causa do meu problema. Tem também algumas questões como ter que cumprir horário, seguir muitas regras e dar satisfação para o patrão, ou dono da fábrica. Já na economia solidária não tem patrão. Trabalhar na economia solidária é bem diferente. A Margarida apoia o projeto, mas quem decide tudo é a gente. O que o grupo resolve, está resolvido. Se a gente resolver que não vai aceitar uma encomenda, a gente não aceita. Agora, se todos acharem que é melhor aceitar, a gente aceita. Lá ninguém força o outro a fazer nada, há respeito mútuo, um ajuda o outro, eu posso falar o que eu penso e a gente está sempre aprendendo. A gente vai se quiser e, se quiser sair, é só dar satisfação pro grupo e sair. (GERÂNIO, 2021).

O trabalho ocupa um lugar privilegiado e de destaque na vida do ser humano e não é diferente com o narrador deste estudo. Segundo Lancman (2007), o trabalho é central na vida das pessoas, pois promove a construção da identidade individual e interfere diretamente na inclusão social. Ele está ligado à formação das redes sociais dos sujeitos, a suas trocas afetivas e econômicas e orienta a rotina das pessoas. Nesse sentido, o sentimento de pertencimento social se estrutura por meio do trabalho.

Ao pensarmos sobre a centralidade do trabalho na vida dos sujeitos e fazendo um contraponto entre o mercado formal capitalista e a perspectiva

solidária, encontramos uma total dissonância. No sistema capitalista, os trabalhadores vendem sua força de trabalho e se submetem a situações que, muitas vezes, ameaçam a própria sobrevivência em troca do salário, que lhe permite a subsistência. Nessa lógica, o trabalho torna-se alienado e destituído de sentido, uma vez que o resultado de sua atividade passa a ser propriedade de outrem (ADAMS, 2007). Apesar desse cenário triste e desanimador, ter um trabalho formal, independente se suas reais condições sejam opressoras ou desumanas, representa, de certa forma, para a sociedade pós-moderna estar “deste lado da linha”.

Por outro lado, têm-se a proposta solidária que representa a possibilidade de acesso ao mundo do trabalho por uma outra via. Aqui o trabalho ocupa a centralidade na vida do trabalhador porque, além dos ganhos financeiros, ele representa, entre outras tantas coisas, o exercício da cidadania e dos direitos, acesso a espaços antes não explorados, possibilidade de trocas sociais com conseqüente ampliação do círculo de amizades, conquista da autonomia e da independência, oportunidade de fazer parte de um grupo, de exercitar a criatividade e de ser respeitado. Representa, ainda, a possibilidade de transposição da linha abissal que separa invisíveis dos visíveis; os sem credibilidade dos credíveis; os sub-humanos dos humanos.

Para Gerânio (2021), que vivenciou experiências anteriores no mercado formal capitalista e vivencia a experiência solidária, sua narrativa explicita a total falta de vontade e interesse em retornar ao mercado de trabalho capitalista. Isso porque suas experiências são marcadas por processos de exclusão, discriminação, desvalorização, de pequena permanência e alta rotatividade, característicos do sistema capitalista. Inclusive, Gerânio (2021) relata o fato de já ter sido agredido e humilhado em um destes trabalhos anteriores. Em contrapartida, encontrou na economia solidária uma alternativa que o valoriza enquanto ser humano, cidadão de direitos e trabalhador.

Pela lógica, o capitalismo e a economia solidária são sistemas distintos e incompatíveis. As lógicas de produção alternativas são praticadas em meio a hegemonia do sistema atual, embora o capitalismo as considere invisíveis e desqualificadas. A economia solidária possibilita oportunidades àquelas pessoas que se encontram do outro lado da linha e que foram silenciadas, suprimidas e marginalizadas pelo Norte global. Isso porque em suas práticas, a economia solidária tem tensionado o modo hegemônico de produção e consumo em relação às necessidades humanas e se apresenta como um contraponto ao processo capitalista, fazendo emergir dinâmicas socioeconômicas e sociopolíticas marginalizadas (CUNHA; SANTOS, 2011). As populações invisibilizadas do Sul global encontram na economia solidária uma possibilidade de exercerem alguns dos direitos básicos, além do acesso ao mundo do trabalho, dado que seus princípios preconizam o sujeito. Enquanto luta contra a opressão, a dominação e a discriminação, a economia solidária compromete-se com a emancipação das pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa de Gerânio – construída a partir de sua história de vida – aponta para o elevado potencial transformador, emancipatório e de emergência de uma experiência de inclusão social pelo trabalho na perspectiva da economia solidária. Enquanto o trabalho nos moldes solidários apresenta potencial emancipatório, por seus princípios e características inclusivas, o trabalho na perspectiva capitalista é excludente, opressor e discriminatório, limitando e até impedindo os processos emancipatórios dos sujeitos. Pensando, então, a partir da perspectiva do trabalho autogestionário, destacamos seu grande potencial de emergência, uma vez que, para além da questão econômica, estabelece um espaço para trocas sociais, culturais e políticas e valoriza o ser humano e todo seu conhecimento.

Diante do exposto, concluímos este estudo demarcando o grande potencial de emergência do trabalho na perspectiva da economia solidária, uma vez que permite às pessoas em sofrimento psíquico a vivência de alternativas que cabem no horizonte das possibilidades concretas, somando ao real as possibilidades e expectativas futuras que ele comporta.

MAZARO, Lisabelle Manente; LUSI, Isabela Aparecida de. Solidary economy: a counter-hegemonic way of organizing work in the field of mental health. *ORG & DEMO* (Marília), v. 24, Fluxo Contínuo, e023012.

Abstract : The study aims to: understand the impacts of the experience at work on the life trajectory of people in psychological distress who participate in a solidary economic enterprise; identify possibilities for confronting the capitalist context based on a solidary proposal; and reflect on inclusion at work in the light of the theoretical framework of the Ecology of Knowledge. This is a study with a qualitative approach, which makes use of the oral history of life, presenting the narrative of a member of Recriart (a solidary economic enterprise in the field of mental health), analyzed from the perspective of the sociologies of absences and emergencies and of the ecology of knowledge, a theoretical-philosophical framework developed by Boaventura de Sousa Santos. The results point to the high transformative, emancipatory and emergency potential of work based on the solidary economy. Recriart plays a fundamental role in the narrator's life, since, in addition to being a workspace, it means valuing, belonging, exercising citizenship, expanding autonomy, (re)structuring routine and developing affectivity. We conclude by demarcating the great potential for the emergence of work based on the solidarity economy, which allows people in psychological distress to experience alternatives that fit within the horizon of concrete possibilities and confrontation with capitalism.

Org&Demo, Marília, v. 24, 2023. Fluxo contínuo

DOI: <https://doi.org/10.36311/1519-0110.2023.v24.e023012>



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Keywords: solidarity economy; mental health; work; social emancipation.

Resúmen: El estudio tiene los siguientes objetivos: comprender los impactos de la experiencia en el trabajo en la trayectoria de vida de personas en sufrimiento psíquico que participan de un emprendimiento económico solidario; identificar posibilidades de enfrentamiento al contexto capitalista a partir de una propuesta solidaria; y reflexionar sobre la inclusión en el trabajo a la luz del marco teórico de la Ecología del Conocimiento. Se trata de un estudio con abordaje cualitativo, que hace uso de la historia oral de vida, presentando el relato de un integrante de Recriart (empresa económica solidaria en el campo de la salud mental), analizado desde la perspectiva de las sociologías de las ausencias y emergencias y de la ecología del saber, marco teórico-filosófico desarrollado por Boaventura de Sousa Santos. Los resultados apuntan al alto potencial transformador, emancipador y de emergencia del trabajo basado en la economía solidaria. Recriart juega un papel fundamental en la vida del narrador, ya que, además de ser un espacio de trabajo, significa valorar, pertenecer, ejercer ciudadanía, ampliar la autonomía, (re)estructurar la rutina y desarrollarla afectividad. Concluimos demarcando el gran potencial para el surgimiento del trabajo basado en la economía solidaria, que permite a las personas en sufrimiento psíquico experimentar alternativas que se encuadren en el horizonte de posibilidades concretas y de enfrentamiento al capitalismo.

Palabras Claves: economía social y solidaria; salud mental; trabajo; emancipación social.

REFERÊNCIAS

ADAMS, T. **Educação e economia (popular) solidária:** mediações pedagógicas do trabalho associado na associação dos recicladores de dois irmãos, 1994-2006. 2007. 233f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007. Disponível em:
<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2064>. Acesso em: 29 jan. 2023.

ALVES, G. O. **Saúde mental e economia solidária:** construindo estratégias de reabilitação psicossocial. 2016. 126f. Dissertação (Mestrado em Saúde Mental e

Org&Demo, Marília, v. 24, 2023. Fluxo contínuo

DOI: <https://doi.org/10.36311/1519-0110.2023.v24.e023012>



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Atenção Psicossocial) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/174448>. Acesso em: 29 jan. 2023.

AMARANTE, P.; BELLONI, F. Ampliando o direito e produzindo cidadania. *In*: PINHO, K. L. R.; PINHO, L. P.; LUSSI, I. A. O.; MACHADO, M. L. T. (orgs.). **Relatos de experiências em inclusão social pelo trabalho na saúde**. São Carlos: Compacta, 2014.

BALLAN, C.; ARANHA, A. L. O livro das receitas d'O Bar Bibitãntã: conquistas e desafios na construção de um empreendimento econômico solidário na rede pública de atenção à saúde mental no Município de São Paulo. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, v. 8, n. 18, p. 184-205, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69262/41581>. Acesso em: 29 jan. 2023.

BASSO, D.; LEMES, F. R. M.; SILVEIRA, D. C. Economia Solidária e dinâmica de desenvolvimento local: um estudo de empreendimentos econômicos solidários no município de Ijuí-RS. **Emancipação**. Ponta Grossa, v. 10, n. 1, p. 327-340, 2010. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/Emancipacao.v.10i1.327340/967>. Acesso em: 29 jan. 2023.

BERNARDES, E. M.; VENTURA, C. A. A. A sociologia das ausências como referencial teórico para a pesquisa em enfermagem psiquiátrica e em saúde mental. **Texto Contexto Enfermagem**, v. 26, n. 4, p. 1-11, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/8vWkCbx99mJSpLdbmCWxBNn/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 29 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. **Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil**. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília, 2005. Disponível em:

Org&Demo, Marília, v. 24, 2023. Fluxo contínuo

DOI: <https://doi.org/10.36311/1519-0110.2023.v24.e023012>



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License.

http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Relatorio15_anos_Caracas.pdf. Acesso em: 29jan. 2023.

CUNHA, G. C.; SANTOS, A. M. Economia solidária e pesquisa em ciências sociais: desafios epistemológicos e metodológicos. *In*: HESPANHA, P.; SANTOS, A. M. (org.). **Economia solidária: questões teóricas e epistemológicas**. Coimbra: Almedina, 2011, p. 15-56.

INCUBADORA TECNOLÓGICA DE COOPERATIVAS POPULARES (INTECOOP). Universidade Federal de Itajubá. Cartilha de formação de grupos. Módulo I. **O trabalho humano, história do capitalismo e economia solidária**. Disponível em: https://portal.toledoprudente.edu.br/upload/usuarios/2896/aulas/Cartilha_trabalho_humano.pdf. Acesso em: 29 jan. 2023.

LANCMAN, S. Psicodinâmica do trabalho. *In*: CAVALCANTI, A.; GALVÃO, C. **Terapia ocupacional: fundamentação e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007, p. 271-277.

LECHAT, N. M. P. As raízes históricas da economia solidária e seu aparecimento no Brasil. **Anais...** II Seminário de incubadoras tecnológicas de cooperativas populares. Campinas, 20 de março de 2002. Disponível em: https://base.socioeco.org/docs/raizes_histor.pdf. Acesso em: 29 jan. 2023.

LUSSI, I. A. O. **Trabalho, reabilitação psicossocial e rede social: concepções e relações elaboradas por usuários de serviços de saúde mental envolvidos em projetos de inserção laboral**. 2009. 169 f. Tese (Doutorado em Enfermagem Psiquiátrica) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2009. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22131/tde-29102009-135550/pt-br.php>. Acesso em: 29 jan. 2023.

LUSSI, I. A. O.; MORATO, G. G. O significado do trabalho para usuários de serviços de saúde mental inseridos em projetos de geração de renda vinculados ou não ao movimento da economia solidária. **Cadernos de Terapia Ocupacional**. São Carlos, v. 20, n. 3, p. 369-380, 2012. Disponível em:

Org&Demo, Marília, v. 24, 2023. Fluxo contínuo

DOI: <https://doi.org/10.36311/1519-0110.2023.v24.e023012>



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License.

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/681>. Acesso em: 29 jan. 2023.

LUSSE, I. A. O.; PEREIRA, M. A. O. Empresa social e economia solidária: perspectivas no campo da inserção laboral de portadores de transtorno mental. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. São Paulo, v. 45, n. 2, p. 515-21, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/37byJcn4pd5ZC3CVL3P6NPk/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 29 jan. 2023.

MANCINI, E. Políticas públicas para o desenvolvimento econômico-solidário do Brasil. I Conferência Nacional de Economia Solidária. *In: Formação de Gestores de Políticas Públicas em Economia Solidária*: manual técnico, 2008. Disponível em: http://rededegestoresecosol.org.br/wp-content/uploads/2015/11/cartilha_aluno_textos_apoio_e_compl_econsol_politicas-1.pdf. Acesso em: 29 jan. 2023.

MARTINS, R. C. A. **Cooperativas sociais no Brasil**: debates e práticas na tecitura de um campo em construção. 2009.193f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/4276>. Acesso em: 29 jan. 2023.

MAZARO, L. M. **Economia solidária e inclusão social pelo trabalho no campo da saúde mental**: identificando potencialidades e fragilidades. 2017. 226f. Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/9119>. Acesso em: 29 jan. 2023.

MAZARO, L. M. **Histórias de vida de pessoas em sofrimento psíquico sobre a inclusão no trabalho na perspectiva da economia solidária**: ecologia de saberes revelando que Recriar é preciso. 2021. 266f. Tese (Doutorado em Terapia Ocupacional) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/13997>. Acesso em: 29 jan. 2023.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

Org&Demo, Marília, v. 24, 2023. Fluxo contínuo

DOI: <https://doi.org/10.36311/1519-0110.2023.v24.e023012>



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License.

MILIONI, D.B. **A experiência de trabalho de usuários de um CAPS, integrantes de um empreendimento solidário**: construindo vidas e possibilidades. 2009. 111f.

Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/3211>. Acesso em: 29 jan. 2023.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINAYO, M.C.S.; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./set., 1993. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csp/a/Bgpmz7T7cNv8K9Hg4J9fJDb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 jan. 2023.

MORATO, G. G. **Atuação dos terapeutas ocupacionais em iniciativas de geração de trabalho e renda no âmbito da saúde mental**: estudo sobre a realidade do

estado de São Paulo. 2014. 201f. Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. Disponível em:

<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/6885>. Acesso em: 29 jan. 2023.

MOURA, M. S. et. al. A autêntica autogestão: os desafios do trabalho autogestionário em uma associação de catadores de materiais recicláveis localizados em Palmeira dos Índios – Alagoas. *In*: Congresso de Pesquisadores de Economia Solidária, 1, 2015, São Carlos. **Anais...** São Carlos: Diagrama, 2015. Disponível em:

<http://www.conpes.ufscar.br/anais>. Acesso em: 29 jan. 2023.

NUNES, J. A.; LOUVISON, M. Epistemologias do Sul e descolonização da saúde: por uma ecologia de cuidados na saúde coletiva. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v. 19, n. 3, p. 1-13, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/8XdsBw8dwhVQfr7B4ccBvVH/?lang=pt>. Acesso em: 29 jan. 2023.

Org&Demo, Marília, v. 24, 2023. Fluxo contínuo

DOI: <https://doi.org/10.36311/1519-0110.2023.v24.e023012>



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License.

NUNES, J. A.; SIQUEIRA-SILVA, R. Dos “abismos do inconsciente” às razões da diferença: criação estética e descolonização da desrazão na Reforma Psiquiátrica Brasileira. **Sociologias**. Porto Alegre, v. 18, n. 43, p. 208-237, dez., 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/fDKxZn3sbQ3xSvyFS4RHxk/?lang=pt>. Acesso em: 29 jan. 2023.

PEREIRA, M. O. **Análise da política do Ministério da Saúde do Brasil para a atenção integral dos usuários de álcool e outras drogas**. 2009. 278f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7141/tde-11012010-145632/pt-br.php>. Acesso em: 29 jan. 2023.

QUIJANO, A. Sistemas alternativos de produção? *In*: SANTOS, B. (org.). **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 473-514.

RODRÍGUEZ, C. À procura de alternativas econômicas em tempos de globalização: o caso das cooperativas de recicladores de lixo na Colômbia. *In*: SANTOS, B. (org.). **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 329-367.

SANTOS, B. S. (org.). **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SANTOS, B.S. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, B. S. e MENESES, M.P. (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010a. p. 31-83.

SANTOS, B. S. Uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *In*: SANTOS, B. S. (org.). **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010b. p. 93-137.

SANTOS, B. S. A ecologia de saberes. *In*: SANTOS, B. S. (org.). **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010c. p. 137-165.

SANTOS, B. S.; RODRÍGUEZ, C. Introdução: para ampliar o cânone da produção. *In*: SANTOS, B.S. (org.). **Produzir para viver**: os caminhos da produção não capitalista. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 23-77.

SANTOS, N. S.; ALMEIDA, P. F.; VENANCIO, A. T.; DELGADO, P. G. A autonomia do sujeito psicótico no contexto da reforma psiquiátrica brasileira. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, v. 20, n. 4, dez., 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/r3p4drpKwxRSCPZrbGwrccK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 29 jan. 2023.

SINGER, P. Economia solidária: entrevista com Paul Singer. **Estudos Avançados**. São Paulo, v.22, n. 62, p. 289-314, abr. 2008.

TAGLIAFERRO, P. **Enfrentando desafios e construindo possibilidades**: a experiência da equipe no processo de incubação de um empreendimento solidário formado por usuários de um CAPS. 2011. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/3230>. Acesso em: 29 jan. 2023.

TYKANORI, R. Contratualidade e reabilitação psicossocial. *In*: PITTA, A. M. F. (org.). **Reabilitação Psicossocial no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2010, p. 55-59.

VERONESE, M.V. Subjetividade, trabalho e economia solidária. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 84, p. 153-167, mar., 2009. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/416>. Acesso em: 29 jan. 2023.

Submetido em: 05/04/2023

Aceito em: 29/09/2023

Org&Demo, Marília, v. 24, 2023. Fluxo contínuo

DOI: <https://doi.org/10.36311/1519-0110.2023.v24.e023012>



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License.